

# JOVENS IMIGRANTES ANGOLANOS

## NO RIO DE JANEIRO

### *imagens, relatos e diálogos*

**Regina Petrus\***

*"Que coisa entendeis por uma nação Sr. Ministro? É a massa dos infelizes? (...)  
Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos pão branco.  
Cultivamos a videira, mas não bebemos o vinho.  
Criamos animais, mas não comemos a carne...  
Apesar disso, vós nos aconselhais ... a não abandonar a nossa pátria.  
Mas é uma pátria a terra em que não se consegue viver do próprio trabalho?"*

(Resposta de um emigrante italiano, Constantino Ianni, a um ministro de Estado que o aconselhava a não emigrar, provavelmente na 1ª metade do século XX - Museu da Imigração / São Paulo, s/d)

**O.C. – Olá boa tarde! Posso saber o seu nome?**

*R – (fazendo gesto de fugir) Espere aí minha senhora, eu sou menor de idade, só tenho doze anos, não vê!*

**O .C. – Espere aí moço, eu só quero te entrevistar, vi-te a fugir daqueles policiais e pensei que podias me dizer algo!**

*R – Quem eu? Que algo? Algo algum?*

**O .C. - ...Só quero falar consigo a respeito dessas rusgas [buscas para o recrutamento militar] que estão a haver agora!**

*R – Há!...Ainda bem, que a imprensa se lembrou de nós os coitados dos jovens, é que ultimamente não podemos ficar em lado nenhum, se estamos em casa, vão buscar! Se estamos a passar na rua nos cangam [pegam]! Mas que culpa é que nós temos que os tais residuais [guerrilheiros] estejam a matar o povo?*

**O .C. – ...mas o menino não sabe que é preciso defender o país?**

*R – Defender? O que ? Se eu já não tenho nada, vou defender mais o que? Minha mãe ué! Fala só na televisão ou no teu jornal ou quê! Guerra! Não é comigo! Lhes pede só no governo que lhes bombardeia esses bandido, com os avião, com os alicópteros, seja com quem for desde que não tenha eu lá dentro! Eu estou aqui, a espera que haja produção! Estamos há trinta e tal anos a*

*estragar o que o colono deixou, só dos protocolo[negociações para acordos de paz] temos quatro, com os cumbu [dinheiro] que se gastaram vamos mas é importar filipinos ou tugas [portugueses] ou sei lá quem para fazer a guerra! Eu mesmo que sou filho único da minha mãe kinguila [comerciante de rua], vou me esconder, a espera de outro protocolo, ou que o mais velho bimbi filip [J.Savimbi-líder da UNITA], porque da maneira que está sempre chateado com os povos não vai demorar que lhe apliquem uma grande xide [golpe]!*

**O .C. – ó jovem não vêes que ...**

*De um salto o mancebo com quem eu estava a falar lançou-se numa valente correria perseguido por três indivíduos fardados, acabando assim abruptamente a entrevista que estava a fazer.*

\*\*\*\*\*

(“Entrevista a um mancebo” [fragmentos]. Numa altura em que se assiste a uma correria entre jovens da cidade de Luanda, todas as tardes, para dormirem fora de suas residências, procurando locais onde são menos conhecidos para fugirem às rusgas, uma vez que não há qualquer manifesto oficial para a incorporação de mancebos à recruta – Por Olga Cassilda. In: Actual, Lisboa, 08 de Agosto de 1998).



## INTRODUÇÃO

Migrações induzidas ou forçadas por situações de guerra e conflitos armados são fenômenos muito antigos e significativos na história da humanidade. Tais movimentos migratórios foram, tradicionalmente, estudados mais com a preocupação de mensurar a população deslocada, identificar seus locais de destino ou, ainda, seus movimentos de retorno uma vez terminados os conflitos. Fenômenos políticos, sociais e econômicos, tem-se deles uma visão muito geral ao tratá-los somente como deslocamentos no espaço, fluxos, correntes migratórias, e aos seus atores como meros números nesses fluxos. Segundo Sayad, se a migração é, em primeiro lugar, um deslocamento no espaço e, antes de mais nada, no espaço físico, é preciso destacar que o espaço dos deslocamentos é também qualificado em outros sentidos: socialmente, economicamente, culturalmente, politicamente (Sayad: 1998, p.15).

Esse artigo resulta de uma experiência de acompanhamento realizada, desde o início de 1998, com grupos de jovens angolanos no Rio de Janeiro - principal ponto de destino e concentração desses imigrantes no Brasil. A migração de angolanos para o Brasil e, especialmente, sua presença na cidade do Rio de Janeiro, vem recebendo destaque crescente nos meios de comunicação de massa. Até o momento, existe pouca informação sistematizada sobre esse processo migratório, principalmente sobre sua fase mais recente. Predomina, assim, no senso comum, uma visão generalista e pouco precisa sobre essa migração, bem como uma imagem negativa de tais imigrantes.

É possível, de forma geral, caracterizar a migração mais recente de jovens angolanos para o Brasil como um processo bastante complexo em várias dimensões, a saber: as motivações impositivas da emigração de Angola e a "escolha" do Brasil como país de destino, as formas de entrada no Brasil, as estratégias de sobrevivência aqui no Rio de Janeiro, a situação jurídica dos imigrantes, as diversas situações de permanência legal ou ilegal, as redes sociais de variadas naturezas que sustentam a continuidade dessa migração.

As imagens, relatos e diálogos apresen-

tados<sup>1</sup> aproximam-nos dos atores, indivíduos concretos, pessoas que se vêem na situação de abandonar o seu lugar, suas referências, parentes, amigos... Em busca de sobrevivência e de alguma condição de trabalho, carregam consigo toda uma história vivida no país de origem e a esperança de reconstrução de suas vidas e realização de seus projetos pessoais no país de destino. No caso dos jovens angolanos, já nascidos num país em guerra<sup>2</sup>, trata-se de pessoas que emigram por tudo isso e, sobretudo, pelo medo de perder suas vidas em conflitos armados que não compreendem e com os quais não se sentem comprometidas. São jovens submetidos a condições expulsoras em Angola, que os atingem enquanto conjunto, mas que constroem a partir desse contexto, trajetórias individuais diferenciadas. A migração que realizam só pode ser compreendida, portanto, "em sua dupla dimensão de fato coletivo e trajetória individual" (Sayad, 1998, p.1).

Os projetos e as trajetórias dos jovens angolanos tornados imigrantes no Rio de Janeiro inserem-se no contexto geral da sociedade brasileira e, mais amplamente, num mundo global, heterogêneo, fragmentado e excludente, em que novos desafios sociais e políticos se impõem, em função da predominância de políticas que tratam com crescente indiferença os chamados "perdedores" da nova sociedade global. Nesse sentido, as trajetórias desses imigrantes podem ser analisadas e refletidas como expressões de um quadro social, político e econômico sem, entretanto, esvaziá-las (e a seus atores) de suas peculiaridades e singularidades.

O propósito desse texto ao tratar a questão nessa perspectiva é contribuir de alguma forma para ampliar o campo de possibilidades no qual se inserem os projetos dos angolanos, na sua condição de imigrantes. Uma reflexão sobre as experiências de vida desses imigrantes no Rio de Janeiro, pode funcionar como um foco a ser ampliado, contribuindo para reafirmar a importância da complexa rede de temas e questões que as migrações nos desafiam a enfrentar, diante do aprofundamento dos diversos mecanismos de exclusão que afetam um enorme contingente de pessoas em todo o mundo. No caso dos angolanos,

trata-se de jovens que já não encontram lugar em seu país de origem e que enfrentam um processo forçado de re-invenção de si mesmos e de reconstrução de referências através da soma de velhos e novos vínculos (mantidos com a sua terra natal ou que estão sendo criados em um novo espaço - o da imigração). Em uma dolorosa (sobre)vivência cotidiana, lutam para afirmar-se (pelo menos) como sujeitos individuais, enfrentando, até o momento, uma ausência de possibilidades concretas para a afirmação de uma identidade coletiva mais positiva.

\*\*\*\*\*

## Aeroporto

*Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro - Junho de 1998. Domingo à tarde. Setor de Embarque Internacional. Balcão das Linhas Aéreas Angolanas - TAAG. São aproximadamente 15 horas. Horário previsto do voo para Luanda - 19 horas. Segundo informações da companhia, esse é o único voo regular do Brasil para Angola.*

No "check-in" há uma grande fila. Chama a atenção o número de pessoas que aguardam para despachar bagagens enormes (caixas de papelão e de madeira muito altas, com etiquetas que indicam "FRÁGIL"). Em algumas caixas é possível identificar latas de leite em pó, achocolatados, alguns aparelhos eletrônicos, muitos alimentos industrializados para crianças. Duas mulheres negras, muito elegantes, vestindo roupas coloridas de estilo africano, descem de um taxi e transportam cuidadosamente num carrinho uma enorme caixa de madeira.

Setor de desembarque - 16h30. Há muitos jovens angolanos espalhados no saguão, em uma parte reservada especialmente para esse voo, separada por cordões. Conversam em pequenos grupos. Outros aguardam sozinhos escutando seus "walkman". Curiosamente, quase todos usam bonés e vestem-se esportivamente, de forma muito semelhante e cuidadosa, mas bem diferente das pessoas que embarcam para Angola. É possível escutar fragmentos de conversas sobre a vida. Um rapaz dá conselhos a um outro bem mais



jovem, explicando repetidamente uns cálculos rabiscados num pequeno pedaço de papel. Partes da conversa, em voz alta, revelam que fala sobre o quanto está ganhando e quantas horas trabalha por semana. Sacode várias vezes a cabeça, negativamente, como se lamentasse ou desaprovasse a situação.

Lá fora, chegam várias "kombis" e "vans" que "despejam" muitos outros jovens. Cada "van" ou "kombi" tem uma placa indicando o bairro ou a localidade de procedência e de destino. Quase todas muito próximas do aeroporto.

No saguão, alguns jovens trocam e analisam pedaços de papel que parecem listas de produtos encomendados, conversando sobre preços e negócios. Começam a desembarcar os primeiros passageiros. Aparecem mulheres negras muito bonitas e elegantemente vestidas com trajés coloridos. Aos poucos vão saindo lentamente, aos pares ou sozinhos, jovens de aparência mais humilde que parecem procurar por conhecidos com olhares nervosos. Alguns outros que aguardavam no saguão, gritam nomes chamando os que chegam. Uma mulher vestida de maneira muito sóbria sai com um saco enorme e é cercada por várias pessoas que escutam atentamente os nomes que ela chama. O saco está cheio de envelopes de carta e todos parecem saber quem é o destinatário de cada uma, que aparece não se sabe de onde e, rapidamente, sai com seu envelope conferindo o conteúdo do mesmo ou tirando papéis que também parecem listas de produtos encomendados. Aos poucos a roda em torno da mulher das cartas vai se esvaziando e ela vai andando com o saco para fora do saguão. Na calçada, coloca o saco outra vez no chão e entrega muitos outros envelopes. Os jovens vão entrando nas "vans" que os aguardam com os rádios tocando em alto volume.

Em frente ao portão de desembarque há uma pequena sala onde um funcionário de uma empresa brasileira recebe alguns homens que chegam de viagem. Todos parecem ser brasileiros trabalhadores da tal empresa e conversam com outros que vão embarcar para Angola no próximo voo.

\*\*\*\*\*

Tratar de migração é falar da sociedade como um todo, em sua dimensão histórica e condições presentes. Sayad ressalta a importância de se considerar esse objeto de estudo como **"um fato social completo"**, sem mutilá-lo de suas duas partes integrantes – **a emigração e a imigração**. "O imigrante só passa a existir para a sociedade que assim o denomina a partir do momento em que pisa em seu território. Ele 'nasce' a partir dessa percepção da sociedade para a qual se destina". E a percepção dessa sociedade sobre o imigrante é, especialmente hoje em dia, a percepção de um "problema". Na maior parte das vezes, essa sociedade tende a não considerar tudo que antecede o nascimento do imigrante. O **imigrante** que chegou a uma terra estranha é, todavia, anteriormente e simultaneamente, o **emigrante** que saiu de sua própria sociedade. Em outras palavras, aquilo que o imigrante irá se tornar já está, de certa forma, inscrito naquilo que o fez emigrante (Sayad, 1998, pp.16-17).

A migração dos jovens angolanos, como já apontado, situa-se no contexto mais amplo das migrações forçadas por situações de guerra embora, como veremos, de forma muito particular. Na África, o prolongamento de conflitos armados agrava a pobreza, destrói as estruturas econômicas e aprofunda os problemas enfrentados por aquele continente "deserdado", sob muitos aspectos, pela lógica capitalista neo-liberal. O grande número de conflitos que ocorrem em diversos países africanos torna dramática a situação de um enorme número de pessoas mobilizadas para deslocamentos dentro ou através das fronteiras nacionais.

No caso de Angola, é importante destacar que a guerra prolongada impôs o deslocamento de vários grupos étnicos dentro das fronteiras do país e para os países vizinhos. Décadas de guerra civil produziram grande êxodo rural e um acelerado crescimento das principais cidades, especialmente a capital, que concentra atualmente quase 30%<sup>3</sup> da população nacional. Luanda apresenta os mais acentuados efeitos desses processos.

Com a estagnação da economia e o enorme afluxo de migrantes, agravam-se na capital angolana os problemas relacionados à baixa oferta de empregos, sendo

muito difícil a integração social e econômica dos migrantes – tanto os internos quanto os que regressaram de países fronteiriços. A crescente pauperização das famílias ampliadas tem pressionado todos os seus membros, entre os quais os mais jovens, para a busca de algum rendimento que lhes garanta as necessidades primárias de sobrevivência. Como consequência, há um número incalculável de jovens que vivem vagando pela cidade, desocupados, ou que se dedicam a múltiplas atividades informais e intermitentes, destacando-se o pequeno comércio (Van Dúnem, 1998, pp. 14-61).

Essas condições da emigração abarcam aspectos fundamentais para a compreensão do fluxo migratório de jovens angolanos para o Brasil no período mais recente – do início dos anos 90 até os dias de hoje – e suas especificidades. Como se trata de uma migração que engloba grupos muito diferenciados, conforme já citado anteriormente, é importante qualificar essas diferenças.

No Brasil, os angolanos são a presença mais expressiva da vinda de africanos oriundos de países onde ocorrem conflitos armados. Há algumas décadas (desde os anos 70), aportam aqui como "refugiados políticos"<sup>4</sup>. Entre os mais jovens, há também os que vêm de Angola como estudantes<sup>5</sup>, e muitos mais são os que entram no Brasil como turistas e prolongam sua permanência no país através de variadas estratégias que incluem ou não processos de legalização.

A migração mais recente desse último grupo, objeto desse artigo, caracteriza-se por ser um processo realizado majoritariamente por jovens entre 18 e 29 anos, do sexo masculino, negros, com nível de escolaridade equivalente ao 1º grau, que "migram por conta própria" e, geralmente, sozinhos – não sendo, portanto, uma migração de famílias. Esses jovens são oriundos das classes e grupos sociais menos favorecidos de Luanda, onde residiam nos chamados "musseques" – bairros pobres, sem nenhuma infra-estrutura, que se expandem principalmente na periferia de Luanda.

No Rio de Janeiro, em sua grande maioria, vivem em favelas situadas na Zona Norte e em imóveis de aluguel de baixo



custo nos bairros próximos à área central da cidade. Quanto à sua inserção no mercado de trabalho (extremamente precária) e às estratégias de sobrevivência, destacam-se os trabalhos temporários no setor da construção civil e outras ocupações intermitentes tais como: biscates, serviços de baixa qualificação e remuneração, ou pequenas atividades comerciais esporádicas e de pequeno porte que os vinculam ao comércio informal na cidade de Luanda.

A compra de produtos de primeira necessidade, principalmente roupas e calçados, para serem revendidos em Angola, é uma atividade bastante difundida entre os jovens imigrantes angolanos (especialmente por aqueles que já estão há mais tempo no Brasil). Em alguns períodos, alternam ou combinam esses pequenos negócios, nem sempre bem sucedidos, com o trabalho pesado na construção civil. Em Luanda, os produtos vindos do Brasil representam parte importante do que se vende no comércio informal. Tais produtos podem ser revendidos com razoável lucro (maior ou menor em função da relação dólar/real) nos mercados de rua da cidade, ou através de um sistema de venda de porta em porta, pelas mães, irmãs ou tias dos imigrantes que se encontram no Brasil. A grande influência das novelas de televisão brasileiras sobre a moda e os hábitos dos jovens em Angola parece ser um importante fator de garantia de mercado para os produtos brasileiros. As redes formadas para essas atividades comerciais garantem a manutenção de vínculos entre os imigrantes e alguns membros da família que permaneceram em Luanda.

### **Canteiro de obras**

*Barra da Tijuca – início de 1998. Há muitos angolanos trabalhando na fase final de construção de um enorme “shopping – center”. Fazem serviços pesados. São serventes, preparam o revestimento e fazem a pintura externa, são colocadores de vidro ou estão trabalhando como “calafates” na limpeza pesada. Surge o relato de um fato que parece mobilizar a todos, inclusive alguns que geralmente são muito calados. Os angolanos,*

*quando acham necessário, ou ficam mais excitados com a conversa, usam uma “linguagem” própria dos jovens em Luanda, carregada de “gírias” que misturam o Português com outras línguas tradicionais de Angola. C. ( 22 anos - 3 anos no Brasil), o rapaz diretamente envolvido no episódio em questão, conta com muita dignidade e raiva o que aconteceu:*

*– “Eu tava lá em cima fazendo meu serviço, com mais três caras... esses aqui... quando o sujeito, ele chegou e começou a reclamar e a xingar, mandando a gente descer e tirar a armação dali porque tava atrapalhando. Eu falei pra ele que era pra ele procurar o encarregado, que eu tinha que continuar o meu trabalho... o sujeito foi ficando ignorante e gritando – “Sai daí seus macacos... vão se pendurar nas árvores lá do país de vocês...” Eu não agüentei. Desci correndo do andaime e enfrentei ele. Foi a maior confusão. Junto um monte de gente, veio a segurança, até que chegou o encarregado e me levou lá pra cima. Mandou todo mundo voltar pro trabalho... Eu fiquei com muita raiva. Só não falei mais nada porque eu até que estou a tirar um dinheiro melhor aqui agora como chefe de turma. Mas fiquei com tanta raiva que meu olho encheu d’água. É porque eles sabem que a gente não pode fazer nada. Que tem que ficar calado...”*

### **Beira da praia**

*Avenida Sernambetiba. Praia da Barra da Tijuca. Meados de 1998. Obra grande. Os angolanos, em grande número nessa obra, quase sempre são os últimos a sair. Há vários dias venho aqui me encontrar com A. (24 anos – 2 anos no Brasil), que me apresenta mais alguns colegas, também angolanos. Todos são muito jovens, usam bonés, estão de banho recém tomado e perfumados. Justificam a demora porque não gostam de “sair na rua de qualquer jeito”. A. brinca:*

*– “Os angolanos são assim mesmo. Mesmo com essa vida aqui no Brasil, só gostam de andar bem vestidos e gastam muito com essas roupas. Assim ninguém vai pra frente! As garotas de Angola ficam muito impressionadas com as fotos. É por isso que em Angola, se você veio do*

*Brasil arranja logo uma garota.”*

*A. dá aulas de inglês na hora do almoço para alguns colegas angolanos que trabalham com ele. Sempre me cumprimenta em Inglês e pergunta (em Inglês) sobre a minha pesquisa:*

*– “...depois você bota lá no seu livro que a gente pensava que você era ‘federal’, assim uma espiã, e por isso a gente inventava uns nomes que não eram os nossos e não falava umas coisas... só o que achava melhor. É porque você sabe... a gente tem que ter sempre muito cuidado. A gente não gosta de ficar muito junto por aqui. Vai logo andando pra pegar o ônibus...”*

*Alguns minutos depois, sentados todos do outro lado da calçada, começamos as entrevistas. Certas perguntas, especialmente quando se fala da situação política e econômica de Angola, geram polêmica. Eles discutem entre si seus pontos de vista.*

*L. (19 anos – 8 meses no Brasil) diz:*

*– “Aquilo nunca vai melhorar porque a política e aquela guerra por dinheiro e diamante nunca vai acabar... o inimigo agora tá na cidade, antes tava no mato. Acho que ninguém mais acredita na paz em Angola (alguns protestos...). Eu nasci no meio da guerra e não acho que vou ver a paz em Angola.”*

*J.C. ( 24 anos - 2 anos no Brasil ), respondendo sobre os principais motivos da saída de jovens de Angola, afirma:*

*– “Qual a mãe que não quer ter um filho fora de Angola... até mesmo no Brasil? Eu fugia das rusgas. Um dia me pegaram. Meu tio foi me buscar. Só me livrei porque eu já tive dois irmãos que foram pras “tropas” e um morreu. Meu pai também morreu na guerra... Não volto mais pra Angola. Só se a guerra acabar mesmo e a UNITA desmontar todo o exército dela... Mas eu também não quero voltar porque o trabalho lá tá muito ruim... Em Angola nunca trabalhei assim em obra pesada... Eu vim pra trabalhar e estudar mas até agora não tá dando não...”*

*Olhando para o mar os outros só sacodem a cabeça concordando, calados. Depois, um deles diz:*

*– “Aqui tá tudo muito ruim mesmo. Mas eu saí do pior... Aqui eu posso ficar olhando pro mar e ninguém vem me pegar pras*



tropas”.

*Seus olhos estão tão mareados que eu marco outro encontro para continuarmos as entrevistas.*

\*\*\*\*\*

A dificuldade de inserção no mercado de trabalho é um dos maiores problemas enfrentados pelos jovens angolanos. Problema vivido em Angola e (re)vivido no Rio de Janeiro, na realidade da imigração.

Em Angola, algo em torno de 78% da população economicamente ativa desempregada concentrava-se, em 1993, na faixa dos 15 aos 29 anos<sup>6</sup>. Segundo Van-Dúnem, o alto índice de desemprego entre os jovens em Luanda deve-se, entre outros fatores, à falta de oferta de trabalho no setor formal, ao baixo nível de escolaridade e à obrigatoriedade do serviço militar. A esses fatores soma-se a reduzida possibilidade de entrada no mercado de trabalho pela primeira vez, em uma economia desestruturada por um complexo processo em que a guerra prolongada é o principal fator (Van-Dúnem, 1998, pp. 47-49).

No Rio de Janeiro, a condição de imigrante dificulta e especifica o mercado de trabalho para os jovens angolanos. A partir de observações empíricas, é possível afirmar que as possibilidades de trabalho para esses jovens têm se concentrado de forma expressiva na construção civil. Com a acentuação do processo de terceirização de determinadas etapas das grandes obras para sub-empregados, os angolanos conseguem inserir-se numa parcela desse setor - aquela em que a informalidade e precariedade do trabalho é predominante. Nos grandes canteiros de obra, os angolanos são vistos pelos sub-empregados e por seus encarregados como trabalhadores “mais produtivos” e “menos problemáticos”, porque ainda não “aprenderam os macetes de obra dos paraibás” e, sobretudo, porque são jovens, fortes, trabalham duro, aprendem rápido, são disponíveis para o trabalho pesado e mal remunerado e “não reclamam nada quando são dispensados”.

Até o final de 1998 havia casos em que se formava uma verdadeira “rede de fornecimento de angolanos” para alguns sub-empregados, especialmente quando estes tinham que reduzir seus custos e pra-

zos nas etapas finais das obras. Os primeiros angolanos contratados acabavam sendo “responsáveis” pelos que vinham posteriormente, inclusive no que tocava ao treinamento para as tarefas a eles destinadas. A legalização de muitos desses jovens através da Lei de Anistia de 1998 trouxe mudanças no quadro acima descrito reduzindo, aparentemente, a “preferência” que era dada aos jovens angolanos nesse setor.

### Cáritas

*Bairro da Glória. Palácio São Joaquim. Maio de 1998. Sede da Cáritas RJ - órgão da Arquidiocese do Rio de Janeiro responsável pela assistência aos refugiados, que atua a partir de convênios com o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) e o governo brasileiro. São 2 horas da tarde.*

*Há muitas pessoas sentadas em bancos, numa fila de espera para serem atendidas. A grande maioria é composta por jovens angolanos. Nos primeiros bancos, alguns preenchem formulários para as entrevistas com as assistentes sociais das Cáritas e com o representante oficial do ACNUR. Essas entrevistas são o primeiro passo para tentar obter o estatuto de refugiado e conseguir documentos de trabalho. Encontro G. (20 anos - 1 ano no Brasil) que conheço lá da obra. Explico o que estou fazendo ali e ele diz que ninguém vai me explicar nada direito. G. reclama:*

*“Essa é a terceira vez que venho aqui e não consigo ser atendido. Esse lugar tem estado muito cheio .... Vim saber se o meu caso já foi resolvido... estou esperando há quatro meses. Já estou perdendo a esperança e acho que não volto mais aqui.”*

\*\*\*\*\*

Entre os grupos de angolanos enfocados nesse artigo, encontram-se alguns jovens que entraram no Brasil como turistas mas, posteriormente, acabaram conseguindo legalizar-se através da obtenção do estatuto de refugiado<sup>7</sup>. Como já citado anteriormente, a ampla maioria dos refugiados no Brasil é composta por angolanos. Entretanto, desde os acordos de

paz agendados entre o MPLA e a UNITA em 1994, no protocolo de Luzaka, os angolanos perderam o direito de obtenção do estatuto de refugiado através da chamada cláusula ampla<sup>8</sup> (aplicada ao caso de Angola após as eleições de 1992 em função do recrudescimento da guerra naquele período). Cada solicitação de refúgio passou a ser analisada mais especificamente, uma vez que já não havia uma situação de conflito generalizado. Segundo informações empíricas fornecidas pelos jovens imigrantes, tornou-se mais difícil, a partir de então, obter o estatuto de refugiado no Brasil. Emigrados de Angola por causa da destruição econômica e da falta de trabalho e oportunidades de estudo mas, principalmente, pelo medo de serem recrutados para o serviço militar, muitos jovens permaneceram no Brasil em situação irregular ao longo da década de 90, sem nenhuma proteção da ONU ou do governo brasileiro, por não se enquadrarem nos critérios adotados internacionalmente e no Brasil para a concessão de refúgio. Em 1998, alguns desses jovens conseguiram ser beneficiados pela Lei de Anistia<sup>9</sup>, conseguindo documentos de trabalho e legalizando sua permanência no Brasil por um período de dois anos.

### Casa

*Zona Norte do Rio de Janeiro. Bairro de Bonsucesso. Complexo da Maré. Vila do João. Junho de 1999. Manhã de Sábado na favela. Vou conhecer a Igreja onde trabalha C., estudante universitário, (35 anos- 4 anos no Brasil). C. já participou ativamente de uma associação de angolanos no Rio de Janeiro e vem tentando reunir e organizar os angolanos que moram na Maré. Ele quer mostrar como os angolanos vivem e vamos andando por algumas ruas próximas à igreja. C. explica a vários angolanos que encontramos o que estou fazendo ali. Conheço L.A. (20 anos) e ele me leva para conhecer o lugar onde mora. Fica nos fundos de uma casa. Entramos. Num cômodo, com vários colchonetes empilhados, há um rapaz dormindo. Num canto há um fogareiro e algumas panelas. Moram ali oito jovens angolanos. Pagam R\$ 250,00 reais de aluguel. L.A. paga um pouco menos porque*



mora "em cima". Vamos até um quintal onde tem uma escada na parede e, lá em cima, uma "entrada" para um pequeno espaço onde é impossível ficar em pé..

- "Não repara. É aqui que eu durmo. Você vê que é muito pequeno... por enquanto vou ficando, mas estou procurando outro lugar para morar fora daqui.... Quando eu cheguei aqui onde estou morando, a primeira coisa que eu pensei foi que tinha voado pro lugar errado. Em Angola morava com meus pais e irmãs. Tinha uma casa e uma cama... mas lá não dá pra ficar, então a gente vem pra cá... todo mundo acaba vindo pra cá. Pra mim é só um degrau. Tenho um irmão em Portugal e quero ir pra lá. Ou eu vou pra outro lugar... o Canadá".

## Igreja

II Igreja Batista da Vila do João, Junho de 1999. São 6 horas da tarde. Um culto especial, seguido de uma festa com comidas angolanas, marca o primeiro aniversário da Igreja Evangélica Angolana da Vila do João. Há brasileiros e angolanos da comunidade local e alguns convidados. O coral de angolanos entra na igreja, com passos marcados num ritmo bem africano, cantando hinos religiosos e canções que falam de Angola e da guerra. Misturam o Português com o Kimbundo e o Kicongo (línguas dos 2º e 3º maiores grupos étnico-linguísticos de Angola). A comunidade é convidada a cantar com eles e a aprender os refrões. O pastor conta a história da Igreja Angolana naquela localidade:

- "...Não sei bem quando os primeiros angolanos chegaram aqui. Dizem que começou com uma família que veio para cá há muitos anos, talvez uns dez anos... e depois os outros foram chegando. Um dia, fui procurado por um jovem angolano que muito me impressionou, porque ele é seminarista aqui no Brasil e quer voltar para Angola para colocar em prática o que aprendeu. É impressionante ver uma pessoa que tem o desejo de voltar para uma pátria em guerra. ...depois vieram o P. e o C. (agora pastores auxiliares da Igreja Angolana) e resolvemos fazer o dia do angolano aqui na Igreja. E resolvemos fazer um culto, com um baile e uma

festa... porque angolano adora uma festa! A igreja foi enfeitada com as cores de Angola e ficou toda colorida. A gente esperava uns trinta angolanos. Vieram muitos mais. Uma multidão de angolanos. E vieram vestidos de colorido... As angolanas vieram fazer a comida vestidas a caráter. Fizeram muito "fungi" de Angola, frango com quiabo, galinha com amendoim... E a comida parecia que não ia dar pra tanta gente... mas deu. Naquela noite eu descobri muitas coisas sobre Angola e os angolanos. Descobri que algumas comidas angolanas não se misturam... Eu também descobri que os angolanos são nômades. Eles aparecem e desaparecem. Mas alguns vão ficando aqui e mais virão. Aprendi também que não se faz nada com os angolanos aos domingos, que para eles é um dia especial, porque é o dia do aeroporto... Naquela noite começou a igreja angolana na Vila do João. Essa igreja está entre a África e o Brasil. Aonde vai chegar eu não sei. A igreja não tem fronteiras... atravessou o Atlântico e entrou por aqui por esse lugar da Vila do João...".

Todos, muito emocionados, oram pela paz em Angola. O coral angolano, composto por oito cantores e um regente solista, canta uma canção que pede proteção para sua terra:

- "N'zambi Sambula en sietu. U tu temona u temuacu...".

Do lado de fora, um número muito maior de angolanos residentes na Vila, todos homens, a maioria jovens, espera o final do culto para subir ao local onde serão servidas as comidas.

\*\*\*\*\*

São extremamente precárias as condições de vida e moradia dos jovens angolanos na favela. Moram em grupos, geralmente reunidos por laços de vizinhança e amizade (e com menor frequência, por laços de parentesco) já estabelecidos em Luanda. Na Vila do João muitos vivem em pequenas casas ou em cômodos que abrigam de seis a oito jovens, às vezes mais. Com os rendimentos que conseguem obter, muitos desses jovens enfrentam graves dificuldades para arcar com as despesas de aluguel, transporte e alimentação, especialmente porque passam longos pe-

ríodos sem obter trabalho e não têm o suporte da família para esses gastos como tinham em Luanda.

Enfrentando a dura realidade da favela no Rio de Janeiro, aprendem rapidamente os códigos locais do bom comportamento e do silêncio. Como vivem essa realidade na condição de imigrantes, estrangeiros, estranhos, que vêm de um outro lugar para onde "um dia deverão voltar", assumem duplamente "a obrigação de serem reservados". Para Sayad, a forma de polidez e neutralidade que o imigrante deve adotar (e que ele se sente na obrigação de adotar) constitui uma dessas "malícias sociais" pelas quais os códigos dos que pertencem ao lugar são impostos àqueles que vieram de outro lugar (Sayad, 1998, pp.57-58). No caso dos jovens angolanos, imigrantes e moradores da favela, os códigos de convivência e sobrevivência são duplamente impostos.

Angola está presente (e ausente) na Vila do João. Os jovens angolanos que ali residem vivenciam, em sua maioria, um relativo isolamento dentro da favela. Sua integração com a comunidade local parece bastante frágil, embora muitos vivam ali há vários anos. Em alguns casos, as relações sociais entre angolanos e brasileiros tornam-se mais estreitas através de namoros e casamentos com jovens brasileiras. A integração com a comunidade local parece, no entanto, ser mais facilitada para aqueles que fazem parte da Igreja Evangélica da Vila do João. Frequentando os cultos e participando das demais atividades realizadas pela comunidade evangélica, alguns jovens angolanos entram numa rede de obrigações e solidariedade que contribui para a construção de uma identidade vista de forma mais positiva (inclusive por eles próprios) e que permite, entre outras coisas, a obtenção de trabalho e moradia, o relacionamento com membros de outras comunidades evangélicas e, ainda, uma certa "proteção" nos momentos mais difíceis.

Ramella destaca a importância das redes sociais para os grupos imigrantes, em função do papel que os vínculos comunitários assumem no processo de integração na sociedade de imigração. Ressalta, entretanto, que as redes sociais ao mesmo tempo que funcionam como instrumentos



para a realização de projetos pessoais, condicionam os comportamentos dos imigrantes, num processo de inter-atuação de sujeitos dentro de fluxos recíprocos, mas não equânimes, de intercâmbios de diversas naturezas (Ramella, 1995, pp.10-15). No caso dos jovens angolanos que frequentam as igrejas evangélicas essa é uma questão fundamental. As relações de solidariedade e compromissos não excluem, também nesse caso, o exercício de relações de poder.

## Favela

Junho de 1998.

Numa conversa na obra discute-se o número de angolanos residentes na Vila do João e redondezas (número esse que, dependendo quem fala, varia entre 500 e 1500). A maioria pensa que tal número só vem aumentando. P. (21 anos – 1 ano e 8 meses no Brasil) comenta:

- "...Eu me lembro quando foi a primeira vez, há um tempo atrás, que eu vi todos os angolanos juntos. Foi quando teve um problema lá... com uma garota... acusaram um angolano. Os homens que mandam lá, mandaram todo mundo se reunir no campo de futebol. Foi quando pudemos ver quanto angolano tinha lá... Eu acho que eram uns oitocentos (concordâncias e discordâncias)... mas ninguém sabe direito. Eu acho que é muita gente, mas alguns dizem que já foi mais<sup>10</sup>..."

Outubro de 1999

No intervalo de um trabalho cultural com jovens na Vila do João, B. (22 anos - 8 meses no Brasil) diz:

- "...A vida aqui é muito perigosa. Tem muita violência. Em Angola tem a guerra, mas aqui tem também muita violência... Não vim para o Brasil para viver na violência. ...Os angolanos pagam aluguel mais caro porque são angolanos ....e têm que pagar adiantado. Alguns aqui gostam até dos angolanos, tratam direito, mas muita gente não quer saber de se meter com angolanos, nem deixar as filhas se meterem... Acusam os angolanos de muitas coisas... Eu assim que puder quero sair daqui... minha família tá preocupada comigo..."

Fevereiro de 2000

A imprensa noticia, com grande destaque, uma suposta participação de angolanos em violento episódio ocorrido no complexo da Maré. As notícias, não comprovadas e posteriormente desmentidas (inclusive com um pedido de desculpas do governo estadual a Angola), acusavam os angolanos de terem ligação com o tráfico de drogas naquela área. Assustados e revoltados por terem sido encaminhados ao posto de polícia local para serem fotografados e apresentar documentos, os angolanos dão várias declarações aos jornais. Sentem-se humilhados e vítimas de preconceito, discriminação e tratamento diferenciado:

- "...Temos medo que essa história traga conseqüências muito ruins... Quando saio para o trabalho fico preocupado... as pessoas vão nos olhar de forma ainda mais preconceituosa. E aí? O que vamos fazer? Ir para outra favela? ...Quem vem para cá vem com a ilusão de vencer na vida. Não vem para morrer. O Brasil é um bom país para se viver mas não para sobreviver. É por isso que eu e muitos de nós moramos na favela." (O Dia-7/2/00)

- "Não somos guerrilheiros... Saímos de uma guerra e estão a nos meter em outra... Refugiado, angolano, negro, morador da favela, alguém acha que é fácil conseguir emprego? Agora ainda sou mercenário? Por causa dessa coisa toda, colegas foram demitidos, outros perderam suas casas ..." (Folha de S. Paulo-9/2/00).

\*\*\*\*\*

Nesse início do século XXI, que se apresenta tão globalizado, interconectado, unificado e interligado por variadas redes materializadas e virtuais, parecemos estranhar cada vez mais aquele que é "diferente", o "outro", o que não se assemelha a nós ou àquilo que pensamos que somos. Quando não nos reconhecemos nesse outro, no diferente de nós, tendemos a nos defender de tal incapacidade através da segregação, do isolamento, do preconceito, da falta de solidariedade ou do descaso (Ferreira, 1999, pp.34-37). Os jovens imigrantes angolanos, sendo negros, pobres, estrangeiros, vindos de um país que enfrenta graves problemas econômicos e políti-

cos, acabam por compor um grupo particularmente sujeito ao preconceito e à discriminação.

Sayad destaca o fato da "imigração só existir como problema - e um problema tratado num contexto de correlação extremamente desigual de força política e simbólica entre país de emigração e país de imigração". Da distinção fundamental que se faz entre "nacionais" e "não nacionais" - seja de fato, seja de direito - derivam muitas outras distinções de caráter político, ético, legal. "Não sendo o imigrante um elemento nacional, isso justifica a economia de exigências que se tem para com ele em matéria de igualdade de tratamento frente à lei e na prática" (Sayad, 1998, p.58). Tais considerações são extremamente relevantes para uma melhor compreensão dos problemas enfrentados pelos imigrantes angolanos no Rio de Janeiro.

As informações de caráter muito geral apresentadas nesse artigo não esgotam, certamente, a riqueza e a complexidade do processo migratório enfocado. Há, ainda, muitas questões a serem levantadas e analisadas. Algumas características dessa migração, tais como, a composição social, etária, sexual, étnica e ocupacional dos imigrantes angolanos, permitem e fazem necessário um exame das possíveis correlações entre esses fatores, a composição das redes sociais, a distribuição, concentração e segregação espacial desses imigrantes no espaço do Rio de Janeiro. Outras questões importantes a serem analisadas são: o vínculo histórico entre Angola e Brasil, os fortes laços culturais, a importância do fato de serem países de mesma língua, as relações diplomáticas e comerciais especiais mantidas entre os dois países, a crescente presença e importância de empresas brasileiras em Angola nos setores petrolífero e de extração de diamantes, nas obras públicas de grande porte e na construção civil. É possível que o leitor entreveja algumas delas nas imagens, relatos e diálogos apresentados (e nos comentários que os acompanharam), compondo uma primeira aproximação do processo migratório enfocado.

\* Regina Petrus é professora de Geografia do Colégio de Aplicação da UFRJ e mestrande em Planejamento Urbano e Regional no IPPUR-UFRJ.



## NOTAS

1. O material selecionado foi coletado ao longo de dois anos, através de conversas, entrevistas (abertas e dirigidas) e depoimentos (gravados em fitas e vídeos ou registrados por escrito), obtidos nos locais de trabalho e moradia dos jovens angolanos, nas igrejas que frequentam e, também, em locais em que participam de cursos de inglês e informática organizados por voluntários.

2. Angola vive em situação de guerra desde 1961 (quando se inicia a guerra pela Independência). Em 1975, com a conquista da independência, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) assume o poder e inicia-se uma guerra civil que, com períodos diferenciados em termos de extensão territorial e intensidade dos conflitos, já soma 25 anos de duração. A guerra em Angola já produziu aproximadamente 2 milhões de refugiados e 1,5 milhão de mortos. O MPLA (partido no governo que venceu as eleições em 1992) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), seu principal oponente, já assinaram vários "acordos de paz", mas os conflitos prosseguem. O governo controla a maior parte do território e as exportações de petróleo, mas há capitais de províncias e áreas importantes no Nordeste do país, ricas em diamantes, sob controle da UNITA. É basicamente uma guerra que perdeu seu caráter ideológico, transformando-se numa luta pelo poder e pelo controle das riquezas naturais. (In: "Guerra sem fim". Ensaio de Pepetela, escritor angolano. Revista Época, 24 de janeiro de 2000).

3. A dificuldade de obtenção de dados estatísticos mais recentes impedem a apresentação de números mais precisos no que se refere à concentração populacional na área de Luanda. Os números mais recorrentes em diversas fontes apontam entre 30% e 35%.

4. Segundo relatório das Cáritas de 1998, somavam 2.254 os refugiados assistidos por aquela instituição no Brasil, sendo 1.285 os de nacionalidade angolana. Dados mais recentes do ACNUR apontam um total de 2413 refugiados acolhidos no Brasil, sendo aproximadamente 70% os de nacionalidade angolana.

5. São Jovens que desde meados dos anos 80 têm vindo para o Brasil com bolsas de estudos para realizar cursos em universidades públicas e privadas mediante convênios entre o governo de Angola e algumas instituições de ensino. Segundo Ribeiro (1995:129) o conhecimento empírico da situação mostra que nos anos 90 o número de jovens angolanos que entraram no Brasil como estudantes cresceu muito rapidamente. Por ocasião da anistia concedida pelo Brasil em 1998, foi possível concluir que muitos estudantes não tinham retornado a Angola após o término de seu período de estudos.

6. Fonte: Angola - Inquérito nacional sobre emprego e desemprego - 1993. (In: Van-Dúnem, 1998:48)

7. "Pode solicitar refúgio uma pessoa que, devido a temores fundados de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, participação em determinado grupo social ou defesa de determinadas opiniões políticas, é obrigada a deixar sua pátria e buscar refúgio em outro país." (Revista *O Refugiado*, julho de 1998, ano 1, nº 4, ACNUR-CÁRITAS RJ e SP)

8. "Também é considerada refugiada a pessoa que fugiu de seu país porque sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas por violência generalizada, agressão, conflitos internos, violação dos

direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública". (Revista *O Refugiado*, julho de 1998, ano 1, nº 4, ACNUR-CÁRITAS RJ e SP)

9. Segundo dados da Polícia Federal, 823 pessoas de nacionalidade angolana foram beneficiadas pela Lei de Anistia de 1998.

10. A importância desse processo migratório não está, seguramente, em sua expressão numérica - muito pequena se comparada à presença de imigrantes e refugiados nos países desenvolvidos, ou mesmo ao número de imigrantes latino-americanos e asiáticos que vivem no Brasil. Se os números são sempre um problema nos estudos migratórios, praticamente inexistem, nesse caso, números oficiais ou mais confiáveis - apenas estimativas díspares de natureza empírica. Os diferentes atores sociais direta ou indiretamente envolvidos nesse processo migratório (os próprios imigrantes e as várias instituições governamentais e não governamentais do Brasil e de Angola) vivem, percebem e incorporam de forma muito diferenciada o vazio de identidade que se cria com essa imprecisão. As implicações e usos políticos desse fato apontam para a necessidade de uma reflexão mais aprofundada da questão.

## BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, Ademir Pacelli  
(1999) *O migrante na rede do outro*. Rio de Janeiro, Te Corá Editora.
- RAMELLA, Franco  
(1995) "Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios" In: BJERG, M. y OTERO, H. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil, CEMLA-IEHS.
- SAYAD, Abdelmalek  
(1998) *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp.
- RIBEIRO, José Teixeira  
(1995) "Brasil-África: Angola em destaque". In: PATARRA, Neide L. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Vol. I. Campinas, FNUAP/NESUR/NEPO.
- VAN-DÚNEM, José Otávio Serra  
(1998) "Breve Abordagem do mercado de trabalho e sua relação com a pobreza - o caso de Luanda - 1990/1997". *Dissertação de Mestrado em sociologia apresentada ao Instituto de Pesquisas do Rio de Janeiro*.

### estudios migratorios latinoamericanos

Una revista cuatrimestral  
publicada por el  
Centro de Estudios Migratorios  
Latinoamericanos - CEMLA

AÑO 14

AGOSTO 1999

NUMERO 42

#### ARTICULOS

Identidades múltiples y complementarias: inmigrantes, líderes étnicos y el Estado en los Estados Unidos  
**Jon Gjerde**

¿Quiénes se fueron al sur? La elección de destino entre los inmigrantes alemanes en el siglo XIX  
**Walter Kamphoefner**

De la transmisión legítima a la herencia legal. Tierra, trabajo y género en un contexto de cambio social (el sur de Brasil, 1824-1980)  
**Ellen F. Woortmann**

Algunas notas sobre la imagen social de los inmigrantes gallegos en la Argentina (1860-1940)  
**Xose M. Nuñez Seixas**

Fascismo, antifascismo y las comunidades italianas en Brasil, Argentina y Uruguay: Una perspectiva comparada  
**João Fabio Bertonha**

#### CRITICAS BIBLIOGRAFICAS

Boris Fausto (org.) *Fazer a América - A Imigração em massa para a América Latina*  
**Mariela Ceva**

AA.VV. *Argentina, un país de inmigrantes*  
**Maria Carolina Feito**

Eleonora María Smolensky, Vera Vigevani Jarach. *Tante Voci, una storia - Italiani ebrei in Argentina, 1838-1948*  
**Bruno Groppo**

Pilar Gagiao Vila (comp.). *Galegos en América e americanos en Galicia. As colectividades inmigrantes en América e a sua impronta na sociedade galega. Séculos XIX-XX*  
**Dedier Norberto Marquiegui**

José C. Moya. *Cousins and Strangers. Spanish Immigrants in Buenos Aires, 1850-1930*  
**Blanca Sanches Alonso**

Avenida Independencia, 20  
1099 Buenos Aires - Argentina

E-mail: cemla@ciudad.com.ar  
Internet: <http://www.scalabrini.org/~cemla>